

Perfil

Um maestro em tempo integral

Salvatore Callia dedicou-se com paixão à carreira musical e deixou um legado de mais de 500 obras compostas em bico de pena, nanquim e tradição

Por Ana Carolina Addario | Imagens: Arquivo Centro de Memória do Colégio Dante Alighieri

12 de maio de 1957, vinte e uma horas. A rádio Gazeta, uma das maiores difusoras radiofônicas brasileiras da época, transmite na interpretação do barítono Rio Novello o poema sinfônico "Tiradentes", executado nos palcos do Teatro Municipal de São Paulo seis anos antes. As notas por detrás da obra que contava a história do mártir da Inconfidência Mineira, um relato absolutamente brasileiro, foram compostas por um italiano, também responsável pela transcrição das partituras de cada instrumento. Doce e bem apessoado, de cabelos bastante espessos, e com o tradicional lenço branco na lapela do paletó - elemento que se

tornaria marca registrada da elegância do compositor -, o italiano era um rigoroso maestro. Perto dos 60 anos de idade, mais da metade dos quais vividos no Brasil, o maestro Salvatore Callia ouviria, do sofá da sala, (onde descansava ao lado do antigo companheiro desde os tempos na Itália, o bom e velho piano J.G. Vogel & Sohn), sua obra transmitida em escala nacional. Sobre o piano alemão, um retrato do compositor de óperas Giuseppe Verdi dava o tom da trajetória. Tratava-se de uma carreira regida por paixão, disciplina e muita tradição.

A história de amor entre o então jovem Salvatore Callia e a pátria que adotou como sua - sem jamais sobrepô-la às tradições e aos costumes italianos -, começa em 1921, três anos depois do fim da Primeira Guerra Mundial. Após dias em alto mar, às vésperas de completar 30 anos, conciso nas palavras até aquele momento inteiramente proferidas em seu idioma natal, desembarca no porto de Santos, litoral de São Paulo. Sozinho, sobe a serra litorânea e se instala em uma pequena residência no bairro da Mooca.

Já devidamente instalado no Brasil e dedicando-se ao ensino de piano, harmonia e canto, deu as ordens para que a esposa Isabella Bovino Callia atravessasse o Atlântico rumo ao Brasil com os dois filhos Nicolau e Edmundo - pouco depois, em território brasileiro nasceriam mais dois, Vinícius Walter e William Primo Ermeto.

A saga da família Callia, que geraria médicos, engenheiros e professores, é orientada por uma carga genética bastante poética, herança consanguínea originada nas veias de Salvatore Callia, ou



A Gazeta de 11 de maio de 1957 anunciava a transmissão que seria feita no dia seguinte para todo o país: a do poema sinfônico "Tiradentes", de autoria do maestro Callia

o maestro, como carinhosamente fora apelidado graças à carreira como compositor clássico.

Teve filhos e netos que se aventuraram no universo da música, outros que enveredaram pelo mundo das artes plásticas. Mas, entre todas as aspirações artísticas que germinavam no seio da família, uma lei deveria ser respeitada: não nasceria um Callia que não arriscasse o talento diante de um piano, fosse pelas aulas lecionadas pelo patrono da família no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo ou no Colégio Dante Alighieri, fosse pela prática no bom e velho J.G. Vogel & Sohn. Durante toda a vida, o maestro sustentou uma relação professoral com todos os integrantes da família. Considerava a música um elemento fundamental para o desenvolvimento humano.

Homem de tradições fortíssimas, só trocou a pena por uma caneta tinteira depois de anos de insistência da família - era apegado a seus velhos instrumentos. Em sua mesa de jantar, a mais ninguém era permitido sentar à cabeceira, senão ao patriarca dos Callia. E falar, só depois de pedir sua permissão. Em sua casa, não se falava outro idioma senão o italiano, e aos cinco netos era expressamente proibido circular por ela em dias de ensaio, sob pena de levar broncas severas. Para eles, ficou o costume de escutar os ensaios no primeiro degrau da escada do sobrado para onde o maestro se mudou e permaneceu até o fim da vida, na Rua Cristiano Viana, em São Paulo; e a lembrança dos fins de semana no sítio da família à margem da represa Billings, onde, amparado por um bandolim, o maestro passava as tardes tocando as músicas napolitanas de que tanto gostava.

Formação consistente e criações vigorosas

A habilidade artística de Salvatore Callia expressou-se quando ele ainda era menino, em Polignano a Mare, cidade ao sul da Itália onde nasceu e viveu sua



O talento de Callia foi reconhecido por importantes maestros ainda em sua infância. Quando se mudou para o Brasil, já havia concluído os estudos no mesmo conservatório em que se formou Giuseppe Verdi - um ídolo do maestro

infância e adolescência. Aos 9 anos tocava admiravelmente guitarra e dava lições básicas sobre instrumentos populares, e não tardou para ser descoberto pelo maestro Antonio Pedote, que o enviou a seu colega maestro Iganzzio Guglielmi. Com ele, Callia iniciou o curso instrumental de piano. Os conhecimentos de harmonia e contraponto viriam um pouco mais tarde, sob a inspeção do maestro José Mancini. Resultado: Callia sai da Itália já como concertista formado pelo Conservatório de Milão (o mesmo que formou seu ídolo Giuseppe Verdi) e navega para o Brasil com a intenção de reunir a cultura italiana



O maestro veio ao Brasil em 1921, sozinho, e, assim que se estabilizou como professor de música, chamou a esposa e os dois filhos. Os outros dois, mais novos, já seriam brasileiros

à produção clássica brasileira, e incorporar novos elementos à sua própria formação. Os harmônios do jovem e entusiasmado compositor secretavam criatividade. O concertista compôs óperas, operetas e musicais, apresentando-se ainda muito jovem em diversos teatros na Itália, em parceria com outros músicos da época. Mas é a partir da chegada ao Brasil que sua produção começa a ganhar corpo e dimensões inimagináveis. O marco profissional de sua chegada no país consta do poema musical "1922", realizado no ano que intitula a obra, produzida especialmente em comemoração e glorificação ao centenário da Independência do Brasil. Já o marco emocional com a música brasileira ficou por conta da rica obra de um dos maiores compositores nacionais, Carlos Gomes, cujas peças o maestro costumava passar horas ouvindo.

Constituindo um acervo de 500 trabalhos produzidos para as mais diversas sonoridades, e que seriam veiculadas no Brasil por sete editoras, as obras de Callia expandiram suas possibilidades e passaram também a abranger sinfonias, romanzas e noturnos, difundidos em todo



Severo e muito crítico quando o assunto era música, Callia foi um professor rigoroso e de métodos tradicionais

o mundo. O autor foi agraciado, entre outros prêmios, pela Academia Internacional de Música com o segundo e terceiro lugar no segundo Concurso Internacional, e com a Medalha de Ouro da Casa Ricordi, uma de suas editoras. Além disso, por sua honrosa atuação profissional, o estado de São Paulo denominou um colégio situado na capital de Maestro Salvatore Callia, e a Prefeitura da cidade lhe dedicou a rua Maestro Callia, localizada no bairro da Vila Mariana. Também em Polignano a Mare, a Prefeitura o homenageou com a designação de uma praça pública com seu nome, a Via Maestro Callia.

Em 1945, embora já houvesse decidido que não comporia mais óperas, concluiu uma famosa peça do gênero sobre o guerreiro tupi "Y-Juca-Pirama", baseada na obra de Gonçalves Dias. A ópera foi apresentada no Instituto Visconde de São Leopoldo - nome que o próprio Colégio Dante Alighieri adotou por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Quatro anos mais tarde, finalizou a ópera "Faída", com libreto de Júlio David Leoni. Mas, além de grande compositor, o maestro marcou o cenário da música clássica no Brasil como professor de grandes instituições.

Nonno e mestre

Em fevereiro de 2009, a Educação Infantil do Dante recebeu em suas salas de aula um pequeno Callia, peralta como todo moleque nessa fase da vida. Embora seja ainda muito novo para entender, ele representa a quarta geração de um relacionamento muito bem-sucedido entre a família Callia e o Colégio. Em 1930, o maestro se tornou professor de música da instituição, cargo que ocuparia durante 39 anos e que lhe proporcionaria a possibilidade de compor o hino cantado até hoje na escola. Da intersecção entre a formação apaixonada por música e a experiência de lecionar para crianças e jovens resultou que mais da metade de seus 500 trabalhos e de suas coleções musicais têm por temática a infância e a juventude. Em memória de sua trajetória,

a sala de música do Dante recebeu o nome de Maestro Callia - ele faleceu em 1971, acometido por um infarte.

A relação do compositor com a didática da música foi o fator responsável pela publicação de três livros: *Noções de música*, da editora Wagner; e duas versões de *Cantos escolares*, das editoras Fermata do Brasil e Vitale.

Desde seu ingresso como professor, todos os integrantes da família Callia tiveram passagem pelo Colégio e pelas salas de aula do maestro. Com os familiares dentro da escola, segundo relatos do neto Cláudio Callia, ele agia como avô e professor. Consta o episódio do menino Cláudio, no qual, desinteressado das aulas de Italiano (visto que já conhecia o idioma fluentemente, afinal, só se comunicava nele em sua casa), desenhou numa dessas aulas, uma silhueta nua de mulher, o que chamou a atenção dos colegas. Ao recolher o desenho, imediatamente a professora mandou o Calliazinho para a sala do maestro, de quem ela esperava que o garoto recebesse um castigo. O maestro inspecionou o desenho e reconheceu no autor genuínos dotes artísticos: "Deixe os desenhos para fazer em casa, querido. Mas não deixe de fazê-los, este está muito bonito", pronunciado em um italiano doce, relembra o neto.

O mesmo Cláudio Callia, em meados dos anos 1970, tomou as lições de música do avô e se arriscou como pianista e tecladista da banda Baobás, que acompanhava Caetano Veloso em turnê, com quem se apresentou em diversos programas da televisão brasileira, entre os quais a Discoteca do Chacrinha. Após uma dessas apresentações, o garoto voltou para casa com a sensação de trabalho cumprido, e do sofá da sala ouviu o toque abafado do telefone. "Só pode ser o *nonno*", pensou. Fazendo a função de maestro e professor, o avô indicava ao neto os pontos da harmonia aos quais deveria dispensar mais atenção. "Ele tinha um ouvido extremamente crítico a qualquer tipo de música", conta Cláudio.



Já um outro neto, Edo Callia, engenheiro e pianista arranjador do Tradicional Jazz Band, conta que, para receber ensinamentos de jazz do avô, era necessário se empenhar e produzir o dobro nas aulas de teoria musical, o que contribuiu decisivamente para sua formação. "Para cada três aulas produtivas que eu fazia com o *nonno*, tinha direito a um ensinamento de jazz". O termômetro para compreender o nível de satisfação do maestro era o idioma em que os apontamentos eram feitos: dicas dadas em português significavam que Edo estava indo bem. Agora, se o maestro falasse em "poliganês"...

Dos 39 anos lecionando no Dante, Callia teve a oportunidade de ensinar música a várias gerações, o que conferiu ao maestro uma espécie de caráter atemporal. Muitas vezes deparou-se com alunos pouco talentosos musicalmente, situações em que não chegava a ser, porém, intransigente. Diversas vezes concedia notas altas a alunos muito pouco competentes. O argumento era simples e cheio de reverência. "Sua nota é oito: um por você, sete por seu pai".

Rigoroso em sua formação e no trato com tudo o que se relacionasse à música, o maestro era um apaixonado pela profissão



João Florêncio

O Dante também homenageou, no início de novembro, o maestro Callia: deu à sala de música o nome do ex-professor